

## RESENHA

### Boas Vindas Mamã, de Orlando Mendes

Jesiel Filho<sup>1</sup>

Ezequiel Cruz<sup>2</sup>

O conto “Boas vindas Mamã” do escritor moçambicano Orlando Mendes trata do processo de colonização em Moçambique. “Mama” e seu filho “Julinho” que são personagens principais do conto vivenciam duras experiências de trabalho escravo, racismo, pobreza extrema e diversas outras desigualdades provocadas pelo sistema colonial. A personagem “Mama” vive a refletir sobre seu sofrimento e de seu povo que habita numa aldeia pobre colonizada por portugueses. Tais reflexões são feitas do início ao fim do conto:

Decidira-se na véspera, quando, já deitada para um repouso que não chamava o sono, pensou demoradamente na situação. Não por ela. Que preciso? Vivi tantos anos que nem sei das pessoas que cresceram comigo já não ficou nenhuma. (MENDES, 1982, p.25)

O regime colonial, o qual, além de exercer força bruta sobre o povo moçambicano, cobra altas taxas de impostos e obriga as pessoas a trabalharem no setor de produção agrícola, com intenção de expandir o sistema econômico dos grandes latifundiários. Os habitantes da aldeia que são levados à força, são em sua maioria sem escolaridade ou com baixo nível de instrução. Mama e seu filho não sabem ler nem escrever. Orlando Mendes destaca a precisão de se saber ler e escrever pois o sistema colonial tinha um poder totalitário sobre populações que não dominavam essas habilidades.

A personagem Mama e os trabalhadores de sua aldeia não tinham direito sequer a assistência médica.

Os que não tinham caído, partiram apressadamente, apavorados com a maldição que exigia implacável vingança de Deus. Do posto não viera ninguém nem do hospital. No ano seguinte, apareceu gente de mandar, para fazer o recenseamento em meia hora, cobrar o imposto e, com ele

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras Vernáculas – Setor Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Graduando de Letras da Universidade Federal da Bahia

pago ou não, levar homens, mulheres e crianças que pudessem trabalhar nas machambas dos senhores. Todos os anos era assim. O chefe do posto trouxe o regulo, sipaios e o cabo de terras pasmado, achou necessário chamar o médico. (MENDES, 1982.p.26).

A obra enfocada no processo colonial de Moçambique traz o clero que foi um sistema colonizador hegemônico em terras africanas, sobretudo em Moçambique, representado na figura do padre. Durante anos, a igreja católica utilizava do discurso “os negros não tem almas” como estratégia de dominação e de discriminação racial. Esse mesmo discurso é retomado por um personagem ao ser interrogado pelo médico que atendia as pessoas adoecidas e entregues ao trabalho escravo:

Para ladainhas santas, temos o padre, amigo doutor. Não deixara de cá vir e encomendar as almas ao Senhor, apesar de ele estar convencido de que estes selvagens nascem e morrem sem alma. Mas, homem, a poça está na falta dos corpos. Vou ter chatices do diabo por causa disto. (MENDES, 1982.p.26).

A desumanização pela qual “Mama”, seu filho e seu povo passam provoca uma sequência de reações dramáticas na obra. O cobrador de impostos robotizado pela hegemonia colonialista segue em conversa com o doutor desumanizando o povo moçambicano servido de mão-de-obra escrava. Ele reduz os trabalhadores a máquinas e preocupa-se apenas em servir ao governo, ou seja, contribuir da melhor maneira possível para a manutenção do sistema colonial, cujos principais administradores são o governador e o padre.

-Mas não lhe chegaram zunzuns desta miséria?!

-sim, o regulo falou-me nisto. Mas que raio! Podia La pensar que a coisa fosse tão longe! E o doutor acha que o governo me paga para me preocupar com a saúde desta escumalha? (MENDES, 1982.p.27)

Todo o tipo de trabalhador era submetido ao regime escravo do colonialismo, principalmente homens viúvos, mulheres viúvas e meninos órfãos com faixa etária entre doze e treze anos. Mama perdeu seu marido e quatro filhos, vítimas de doença que assolou a aldeia. Julinho, o único filho vivo de Mama fora diagnosticado pelo doutor que estava doente e, por essa razão, impossibilitado de trabalhar na lavoura. A personagem se encontra feliz ao ver seu filho livre do trabalho braçal forçado.

Enquanto nas cidades os africanos letrados habitantes dos subúrbios se aliaram aos brancos liberais, no campo, o trabalho forçado nas culturas de rendimento e a ingerência dos agentes oficiais do governo colonial nos assuntos das comunidades criaram condições para a mobilização das populações insatisfeitas. (CABAÇO, 2009, p.6).

Porém a alegria de Mama se acaba no momento em que seu filho Julinho decide ir à escola para aprender a ler e escrever. Julinho passa a perceber que o conhecimento acerca das leis injustas e da brutalidade do colonialismo, como também a ferramenta para combater só era possível adquirir através do domínio da leitura e da escrita. Ele decide enfrentar os soldados (sipaios) que, a mando do governo colonial mantinham o povo da aldeia sob regime escravocrata.

Muitos dos que foram à Europa estudar atuaram como ideólogos do movimento nacionalista e embaixadores da causa libertária. A FRELIMO, sob a liderança de negros e brancos de educação europeia, atuava no recrutamento dos descontentes, urbanos e rurais, tendo em vista a construção de uma nacionalidade moçambicana, afirmada oficialmente com a conquista da independência em 1975(ALMEIDA SANTOS apud CABAÇO, 2009, p.6).

Mama queria seu filho trabalhando com ela no terreno agrícola, e a presença afetiva do garoto, pois Mama tinha diversos problemas existenciais, tais como sua esterilidade, a qual levou Mama a consentir seu marido ter uma outra mulher, da qual Julinho fora gerado.

Como Mama jamais deixaria Julinho ir a escola aprender a ler e escrever, o menino usa como estratégia de fuga o argumento de que já é homem e que pode ir sozinho trabalhar na lavoura; a mãe não desconfia e o deixa ir sozinho. Julinho pega o machimbombo (transporte público) e, para a surpresa de Mama, não regressa à aldeia. Mama, tomada pelo desespero, fica acordada a noite inteira à espera de seu filho. No dia seguinte, volta a trabalhar normalmente, fingindo não estar lhe acontecendo nada, e, também não comunica ao povo da aldeia o que havia ocorrido com seu filho. Resolve esperar durante sete dias para saber se Julinho irá retornar, no entanto, o garoto não aparece. A partir daí, começa a batalha de Mama à procura de seu filho, onde ocorrerá na narrativa uma sequência de acontecimentos comoventes os quais irão trazer Mama como representação do continente

africano sofrido e colonizado pelos povos europeus, abordagem da questão colonial em Moçambique se torna mais evidente.

Chegou à vila onde nunca tinha estado. Indagou timidamente nas cantinas, encontrou aquela que tinha comprado o milho e os ovos. Não falou com o dono. Andou de roda, fez perguntas disfarçadas a um empregado. Além do negócio desconhecia tudo a respeito de Julio. Fingiu-se despreocupada, mas na rua, caminhando lentamente pela terra batia a pisar sombras de árvores, sentia-se muito deprimida, querendo pensar noutros passos a dar e o coração falando dor. (MENDES, 1982, p.30).

Ao perceber que Mama está à procura de seu filho, um homem se aproxima dela e, com muita calma a convida para conversar sobre Julinho e seu paradeiro. Mama pensa que o garoto foi estudar, porque era o que ele mais queria, a fim de obter conhecimento para lutar contra o sistema colonial do qual seu povo continuava sendo refém. Contudo, a resposta do homem sobre onde Julinho se encontrava entristece o coração de mama.

Todos os dias, com muito cuidado, perguntava sobre a luta, a guerra do nosso povo... Até que encontrou alguém que podia responder.

-prenderam... Prenderam o meu filho?  
-ninguém prendeu. Ele pediu muito para ir  
-lutar?

Sim, lutar. Explicaram que ainda era muito novo, mas ele jurou que era assim pequeno, mas já tinha 15 anos. (MENDES, 1982.p.32)

Mama aos prantos e desapontada explica para o homem que seu filho tem apenas doze anos; fica desapontada e ao mesmo tempo surpresa se perguntando como poderia um menino de doze anos, sem saber ler e escrever alistar-se para servir numa guerra. O homem explica que o exame foi feito através de uma conversa, onde tudo foi explicado a Julinho, os motivos pelos quais valeria a pena ele participar da guerra. Ao perceber que Mama está chorando muito por tudo que está acontecendo, o homem tenta consolá-la.

Mama, estamos a pedir, não chore por um filho tão valente. Ele há d voltar e contente porque ajudou a dar liberdade a todos nos... A mama também.

-eu não preciso de nada... Vou morrer sozinha.  
-não vai, não. Volte pra CSA, sim?Alguém há de ir La ver de vem em quando. (MENDES, 1982, p.32).

Já esclarecida sobre o paradeiro de seu filho, Mama pôs-se a esperar por ele ansiosamente. A esperança toma conta do coração da mãe de Julinho de forma contagiante. Ela também passa a ter conhecimento sobre o porquê da

guerra, que punha em confronto, combatentes moçambicanos e as tropas do exército de Portugal; a mãe de Julinho ouve uma notícia que circula na vila sobre o fim da guerra, o que aumenta ainda mais a ansiedade e vontade de ter seu filho de volta o mais breve possível, contudo sente-se desconfiada por não terem dito a ela acerca do término da guerra. Mama pensa que o pior poderia ter acontecido a seu querido filho Julinho.

E, subitamente, veio a informação desarticulada de que a guerra ia acabar. Na vila confirmaram-lhe a derrota do exército português. Andou pedindo notícias do filho, de quando voltariam os guerrilheiros não sabiam dizer-lhe ao certo. (MENDES, 1982, p.33)

As dúvidas de Mama sobre o que havia acontecido ao seu filho passam a ter fim com uma carta que lhe entrega. Esta dizia ter sido escrita por seu filho Julinho, porém mama desacredita, porque até então seu filho não sabia ler nem escrever. Mama diz a quem lhe entregou a carta que também ela não sabe ler nem escrever, então a personagem entregadora da carta se oferece para lê-la. Mama com muito medo permite que a carta seja aberta e lida. A carta havia sido escrita pelo próprio Julinho, nela o garoto explica que está bem, está próximo de voltar para os braços de sua amada mãe e que aprendeu a ler e escrever durante a guerra. Julio também havia aprendido um ofício

Ao retornar da guerra, Julio aliou a felicidade que Mama estava sentindo ao ver seu filho de volta, à profissão que havia adquirido e o emprego que havia conseguido numa fábrica. O menino logo decide partir em direção a sua nova jornada, mas Mama tenta impedi-lo a fim de não perder seu filho novamente. Julio convida sua mãe a ir junto com ele, no entanto Mama sente-se envergonhada por não saber ler e escrever, imaginando não ter serventia na fábrica onde seu filho iria trabalhar, antes atrapalharia. Mama pergunta a um dos funcionários se na fábrica há escola, o operário responde que sim e Mama novamente pergunta, e dessa vez, se pode trabalhar na área de limpeza da fábrica e se pode também aprender a ler e escrever. A pergunta de Mama surpreendeu a todos os operários da fábrica, sobretudo a seu filho Julinho. Um deles abraça Mama e responde com grande satisfação: “Boas vindas, Mama”!

## REFERÊNCIAS

MENDES, Orlando. Boas-vindas, Mama. In: SAÚTE, Nelson (Org.). **As mãos dos pretos**: antologia do conto africano. Lisboa: Dom Quixote, 2000. p. 25-36.

CABAÇO, José Luis. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: UNESP, 2009.